

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT03.003](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT03.003)

# CONFIGURAÇÕES DA DOCÊNCIA FEMININA EM ESCRITOS PEDAGÓGICOS DA EDUCADORA ROSÁLIA SANDOVAL (1918-1921)

Hebelyanne Pimentel da Silva

Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (PPGE-UFPB), hebelyannepimentel@gmail.com

## RESUMO

Este estudo discorre e analisa as ideias educacionais da educadora e literata alagoana Rosália Sandoval, expostas em dois manuais pedagógicos: *Através da infância* e *Curso elementar de Portuguez em pequenos exercicios praticos*, na perspectiva de evidenciar o seu fazer-se docente em décadas iniciais de república. Pretendo mostrar a maneira como a personagem pensou a profissão, atentando às relações conflituosas dos seus escritos com os marcadores que a marginalizaram socialmente: gênero, raça e classe. Como ela, outras mulheres negras e pobres também estiveram atuantes no âmbito do magistério e da literatura, em âmbito local, regional e nacional. A pesquisa documental, com recorte temporal marcado pelas crises decorrentes de constantes pandemias, evidencia os rastros de uma intelectualidade que trabalhou concomitantemente em função da inclusão cultural e da exclusão social de margens humanas, quando se disse democrática.

**Palavras-chave:** Docência feminina. República. Rosália Sandoval.

## INTRODUÇÃO

Muitos foram os que tentaram / Discorrer sobre tal fenômeno / Alguns disseram que era loucura / Gritaram: 'É coisa do demônio!' / As pessoas que, de repente, / Deixaram de ser inocentes / E apontaram contundentemente, / Ações necrófilas aos sonhos. (Hebelyanne Pimentel da Silva).

Rosália Sandoval<sup>1</sup>, nascida em Alagoas em 1876 e sepultada no Rio de Janeiro em 1956 (PEREIRA, 2015), como outras mulheres de mesmo período e de momentos históricos anteriores, manteve-se dedicada ao magistério, à literatura e ao jornalismo. Escreveu compêndios nos quais explicitou as suas concepções educacionais. Entre os localizados, encontram-se: *Através da infância e Curso elementar de Portuguez*, ambos publicados em período antecedente à fundação da Associação Brasileira de Educação (ABE) e da publicação do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*. Dedicou os textos às escolas públicas primárias, afirmando levar simplificações dos conteúdos para as crianças desvalidas que precisavam chegar rapidamente ao trabalho manual: “[...] definições de diversos autores, procurei simplificar-as, algumas vezes, para torná-las acessíveis às inteligências ainda não desenvolvidas”<sup>2</sup> (SANDOVAL, 1921, p. 6). Os escritos desvelam adesão às concepções modernas de ensino, com a simplificação dos conteúdos destinados à classe operária. Em pensamento, a personagem esteve vinculada aos precursores do *escolanovismo*. Um ponto que a distingue destes é a religiosidade presente em suas produções pedagógicas: “Num presépio, entre a gente rude dos campos, nasceu aquele que havia de realizar a mais sublime das missões – regenerar a humanidade” (SANDOVAL, 1918, p. 83). Índícios da formação recebida: as lições que atribui por meio da literatura foram semelhantes às de Anna Facó na coluna “Minha Palmatória” no *Jornal do Ceará*. Ao tempo que os textos são moralizadores, apresentam evidências de contraposição ao tradicionalismo, mantendo-se focalizados no bem-estar

1 Além de alguns artigos e livros, existem dicionário biobibliográficos, sobre a personagem, que podem ser consultados entre leitores interessados em maior aprofundamento.

2 Nesse excerto, assim como nos demais, é mantida a grafia original do documento.

estudantil. A vida docente secundariza-se, quando volta sua atenção à essência humana.

Os indícios espalhavam-se por todos os meios, do magistério à literatura. Cabe recordar que o planeta enfrentava, desde a primeira década do século XIX, devastadoras pandemias que levavam à decadência econômica: *influenza*, *moléstia do somno*, *variola*. Os jornais anunciavam a ampliação das desigualdades de classe, atreladas às localidades: “A Bahia, pelo estado de imundície e desasseio a que lhe votaram os que mais se deviam interessar pela sua salubridade, é lá toda ella um viveiro de miasmas, um fóco, muito por temer, de moléstias microbianas” (LIGEIRO..., 9 jun. 1920). Os jornais baianos criticavam as formas como evidenciavam-se também as recorrentes demonstrações de sabedoria popular: “Quando a epidemia de influenza, que assolou o mundo inteiro, chegou a essa ilha e começou sua acção devastadora, as tribos indígenas, que ainda não reconhecem a occupação japoneza, reuniram-se para ver si podiam descobrir a causa de mal” (AS CRUELDADES..., 5 jun. 1920). Os casos de morte pelas distintas doenças eram comuns nas várias partes do globo terrestre. Diários eram os anúncios fúnebres em periódicos nordestinos. As vivências levavam à necessidade de vínculo com o que parecia favorecer o distanciamento da realidade concreta. O fenômeno parece explicar a predisposição educacional.

É possível perceber o que o manual diz da educação do período e das condições das professoras. São mais que antigos instrumentos pedagógicos; aqui se tornam fontes. Com eles interagem os fragmentos jornalísticos que dizem do tempo de escrita, das pessoas, do ensino. O uso de tais materiais inspira-se nas orientações de Michel de Certeau (2017), que apresentara a importância do uso de múltiplas fontes, contrapondo-as. O autor também faz pensar sobre a razão de ser da historiografia de *margens humanas*: “[...] a escrita põe em cena uma população de mortos – personagens, mentalidades ou preços” (CERTEAU, 2017, p. 108), torna notável a condição de quem escreve e de quem é escrito. Tecnicamente são seguidas as orientações dadas por Carla Pinsky (2019), com suas especificações a materialidade e significado de cada documento.

As leituras e o contato com o material disponível levaram à indagação: *como os manuais pedagógicos produzidos por Rosália Sandoval para as escolas primárias maceioenses desvelam a sua*

forma de ser docente durante os anos iniciais da república brasileira (1918-1921)? Apresentamos Rosália Sandoval como uma intelectual, seguindo os critérios estabelecidos por Sirinelli (2003, p. 242), que considera duas definições, “[...] uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os ‘mediadores’ culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento”. Sandoval encontra-se no primeiro grupo. Já em 10 de maio de 1904, os seus textos literários eram comentados no *Correio da Manhã*, evidenciando o seu intercâmbio nacional: “A poetisa alagoana Rosália Sandoval estréia com um livro de versos a que deu o nome de Alvorada”. A poetisa era inspiradora da nobreza portuguesa, pelo que se percebe a partir do comentário feito por Carmem Dolores (1908a, s.p.): “As suas poesias têm o sabor amargo do prato da saudade e do sofrimento, muita delicadeza de matrizes e algo de apaixonado e imaginoso, forte, que vibra em sonetos bem lançados, em estrophes eloquentes e comunicativas”. Carmem era uma feminista influente na época: “A sua campanha, no *Correio da Manhã*, em favor do sexo fraco (???!!) foi a mais exuberante prova da intelligencia, da força, da tenacidade e da valentia da mulher” (DOLORES, 1908b, s.p.). Propagava um feminismo contraditório. Ela dizia que percebia a coerência da discussão desenvolvida em Alvorada, como “[...] o desalento que entenebrece neste momento o meu proprio coração, pungido pelo crime perpetrado contra a família real portuguesa, que eu amo e deante de cuja desdita me curvo, reverente e consternada” (DOLORES, 1908a, s.p.). As contradições presentes em Dolores também estão em Sandoval. A narrativa sobre tal trajetória considera marcadores como: gênero, raça e classe, portanto é uma escrita interseccional (SARDENBERG, 2015; SCOTT, 1995), atenta às pessoas e suas ideias, na qualidade de docente e escritora nas décadas iniciais da república brasileira.

Valoriza-se o detalhe, a invisibilidade. Percebe-se a condição da personagem para conhecer melhor o que vigorara no recorte temporal. É uma escrita micro-histórica de predisposição indiciária (GINZBURG, 2006, 2007), organizada em três momentos: *Entre rimas, costumes e natureza: rastros de uma pedagogia proletária*, no qual discorremos sobre as concepções educacionais do século XX, localizando Rosália Sandoval no debate intelectual feminino; *Representações da docência: indícios de um fazer-se missionária*,

quando analisamos as representações da docência presentes nas obras pedagógicas da mestra à luz do seu tempo; e *Proposições de um capital professoral em intersecções*, quando pensamos sobre o valor social atribuído à docência em tal temporalidade.

## ENTRE RIMAS, COSTUMES E NATUREZA: RASTROS DE UMA PEDAGOGIA PROLETÁRIA

Ainda religiosa, a forma de ser da educação parecia representar-se por meio dos manuais pedagógicos: “Jesus é o glorioso fundador da religião do bem. Cujo symbolo é a Caridade. Sem religião não há caridade, e sem caridade não pode existir coração bem formado. O temor de Deus é a base de todas as virtudes” (SANDOVAL, 1918, p. 85). Implícitas estão as marcas da formação recebida na Escola Normal. O currículo destinado às normalistas incorporou elementos da moralidade cristã, mantidos por longa data. No *Diario de Noticias* de 21 de setembro de 1930, Cecília Meireles (1930/2001a) comentava frequentemente a resistência católica à modernização do ensino.

Mesmo mantendo os princípios católicos, as normalistas eram renovadoras quando adotavam metodologias antirrepressivas. Primavam pela liberdade de expressão estudantil, diferenciando as suas práticas das propagadas pelos jesuítas. O ideário religioso continuou a ser defendido por Getúlio Vargas na década de 1930: “O sr. Getúlio Vargas, assinando o decreto antipedagógico e antissocial que institui o ensino religioso nas escolas, acaba de cometer um grave erro. É preciso que se diga isso com sinceridade” (MEIRELES, 1931/2001b, p. 15). Meireles o criticava frequentemente na coluna “Commentarios” do *Diario de Noticias*. Sobre o decreto, afirmava “[...] ser a porta aberta para uma série de tristes ocorrências. Por ele podemos chegar até às guerras religiosas” (MEIRELES, 1931/2001b, p. 15). Entre as crônicas que publicou durante os anos de 1931 e 1932, sete apresentaram religião no título (MEIRELES, 2001c).

Em artigos publicados na *Revista Pedagogium*, o catolicismo era colocado por Ivo Filho (1921, p. 6) como amenizador do regime escravista que dominara o Brasil colonial e imperial: “[...] os negros, com o consentimento de seus senhores, faziam parte de confrarias religiosas, como as irmandades de S. Benedito e nossa Senhora

do Rosario e promoviam brinquedos, como a coroação do Rei de Congos”. Com isso, afirmara não restar dúvidas de “[...] que o escravo no Brasil gosava de umas tantas benevolências, que não alcançavam os que iam para outros paizes e colônias, especialmente, para a America do Norte” (FILHO, 1921, p. 6). O cenário mostrava-se desfavorável à efetivação da laicidade educacional. No mesmo periódico, Luciano Garcia (1921, p. 13) apresentava o professor A. Joviano como exemplar incorporador dos modernos métodos de ensino: “Ha muito que esse illustre professor mineiro vem trabalhando pela grande obra da educação, não só ensinando a mocidade da sua terra, como lançando nas azas da publicidade as suas teorias de apostolo do ensino, para o qual se votou de corpo e alma”.

A difusão do *escolanovismo* acontecia progressivamente nos anos republicanos, por interferência dos projetos sugeridos pela ABE, nascida em 1924 (SAVIANI, 2013). Entre as instituições que acreditaram na iniciativa *escolanovista*, esteve a Cruzada em prol da Escola Nova, respondendo a um questionário apresentado em 22 de agosto de 1930 no *Diario de Noticias*: “A primeira associação que atendeu ao nosso inquérito foi a ‘Cruzada em pról da Escola Nova’, que respondeu ao questionario abaixo” (UM INQUÉRITO, 22 ago. 1930, s.p.). Buscava-se difundir ideias inicialmente por meio da distribuição de questionários instrutivos: “[...] um questionário que, respondido, vale como um programa, ou pelo menos, como uma profissão de fé” (UM INQUÉRITO, 22 ago. 1930, s.p.). A crença nos projetos da ABE, bem como nos ideais *escolanovistas*, progrediu após a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (AZEVEDO *et al.*, 2006). Houve a tentativa de apresentação dos anseios democráticos. A democracia liberal (TEIXEIRA, 1934).

Críticas às intencionalidades desta eram percebidas comumente na imprensa, por meio da apresentação de dados da realidade: “[...] os professores dos Lyceus, arbitrariamente demitidos, apesar da vitalidade garantida pela própria constituição, ou privados indefinidamente de seus vencimentos; os magistrados, removidos, á força, de suas comarcas” (SEMPRE..., 7 jun. 1907, s.p.). Apesar do caráter conservador dos redatores, nota-se a pertinência dos argumentos quando postos em diálogo com a precária condição professoral: “[...] não obstante o direito que ninguém lhes contesta, á inamobilidade: os proprios funcionarios inactivos,



caprichosa e violentamente privados dos recursos que a lei lhes garante, como galardão a longos anos de serviços prestados à causa pública” (SEMPRE..., 7 jun. 1907, s.p.). É possível que a democracia republicana sugerida para os estudantes tenha se convertido em aprisionamento aos professores, sobretudo as mulheres, sempre controladas pelo Estado nas profissões feminizadas.

Existe a ideia de que as mulheres atuantes no magistério primário durante os anos iniciais de república foram majoritariamente burguesas (ALMEIDA, 2007), sobretudo as que mantiveram vínculo com a literatura. Todavia, Rosália Sandoval, como alagoana pobre, não apresenta indícios de tais privilégios. Sendo órfã e solteira, ela manteve, em vida, marginalizações de todas as naturezas (PEREIRA, 2015; SILVA; MADEIRA, 2020). Na obra *Versos alheios*, a autora iniciou as suas itinerâncias em países hispânicos do Sul da América: “A obra foi pensada a partir de uma inspiração que, segundo a mestra alagoana, surgiu enquanto ela se encontrava às margens do Rio da Prata” (SILVA; MADEIRA, 2020, p. 40). Não se limitou ao território nacional. A literatura a tornou conhecida em diferentes partes do globo. É possível que a apresentação de literatas renomadas, na obra supracitada, tenha a feito projetar-se internacionalmente<sup>3</sup>. Os marcadores que a diferenciam de outras mestras não a impediram de visibilizar-se como escritora.

O mesmo ocorreu com outras intelectuais negras atuantes antes dela. A alagoana Almerinda Rocha Gama, depois registrada como Almerinda Freitas Gama, também apresentou visibilidade nacional por meio da literatura. Em 25 de dezembro de 1919, o jornal *Estado do Pará* anunciava o seu terceiro lugar em um festival de literatura, com conto intitulado “O milagre do Natal” (GAMA, 1919), ao lado de “O velho mundico”, escrito por A. A. Carvalho (2º lugar) (CARVALHO, 1919), e de “Declínio”, escrito por Oscar de Abrantes (1º lugar) (ABRANTES, 1919). Os três textos discorrem sobre o

3 Em diálogo com uma professora chilena no X Congresso Brasileiro de História da Educação (XCBHE-2019), quando apresentamos o texto Mestras e escritoras latino-americanas em *Versos alheios* de Rosália Sandoval (1930), descobri que a obra *Versos alheios* é comumente conhecida e comercializada no Chile. Já em Alagoas, os textos da professora raramente são mencionados. Poucos são os exemplares existentes de publicações. O único que localizamos encontra-se no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL).

sentimento fraterno provocado pelo Natal. O escrito de Almerinda chama a atenção por apresentar a predominante ideia de que a religiosidade cristã, como civilizadora dos povos que denominara como escravos brancos selvagens, salvara-os da barbárie. O trecho final do conto deixa clara a percepção da autora: “Osmar de Castro com alguns companheiros trazia muitos presentes para agradar os selvagens, e elementos para fundar uma escola, e civilizar aquella tribu. E alli, no meio da floresta foi commemorado pela primeira vez o natal de Christo” (GAMA, 1919, s.p.). O milagre do qual tratara fora o de tornar dócil o indígena escravizado. Implícita está a influência religiosa. Ela formou-se pela Escola Prática de Commercio, de acordo com indícios apresentados em 11 de junho de 1920 no mesmo jornal:

ESCOLA PRÁTICA DE COMMERCIO – Hontem funcionaram as aulas de *portuguez, estenographia, francez, escripturação mercantil, hygiene, calligraphia e inglez*. Compareceram 32 alumnos, faltando as alumnas Cassilda Teixeira, Merandelina Carvalho, Esther Silva, Almeida Gama, Maria Benicio, Sylvia Orico e Waldomira Passos. Hoje não ha aulas (O ENSINO, 1920, s.p., grifos nossos).

A ausência em uma das aulas era noticiada. Os jornais também pareciam servir para alertar sobre a necessidade de frequência nos encontros de formação. Ao tempo que os anúncios pareciam intimidadores, poderiam ser percebidos como aliados no combate à evasão escolar. As disciplinas ministradas no dia antecedente à notícia desvelam o nível da formação oferecida pelas escolas de caráter profissionalizante. De modo não diferente das escolas primárias femininas (ALMEIDA, 2007) e das *Escolas Domésticas* (TAVARES; STMATTO, 2018), as escolas técnicas pareciam ofertar um currículo apropriado às necessidades do liberalismo. Diferentemente das supracitadas, nelas não se sobressaía o marcador de gênero, mas o de classe. Mantinha na proposta curricular a peculiar disciplina de *Escripturação mercantil*. Entre os nomes faltantes, percebe-se a menção exclusiva às meninas, o que pode indicar que as instituições técnicas também eram separadas por sexo. Mesmo com a formação elementar, as mulheres pobres conseguiam ascender socialmente por meio do domínio das letras. Muitas foram autodidatas. A



jornalista *Antonieta de Barros*, defensora da formação, dirigiu, já na década de 1930, o primeiro volume da revista *Vida Ilhôa*, mantendo o trabalho intelectual anunciado na imprensa épica: “Recebemos o n. 1 da revista ‘Vida Ilhôa’ que acaba de aparecer nesta capital sobre a direcção intellectual da professora d. Antonieta de Barros e propriedade do sr. José Rodrigues Fonseca” (PUBLICAÇÕES, 1930, s.p.). A revista fora definida positivamente pela variedade dos temas publicados: “Bem impressa, com leitura variada, <<Vida Ilhõa>> naturalmente terá uma vida longa” (PUBLICAÇÕES, 1930, s.p.). Os jornais e revistas se mantinham como profícuos espaços para a formulação de redes de sociabilidade de escritoras.

## CONFIGURAÇÕES DA DOCÊNCIA: INDÍCIOS DE UM FAZER-SE MISSIONÁRIA

Já no prólogo de *Úrsula*, sua mais importante obra, Maria Firmina dos Reis (2018, p. 12, grifos nossos) discorrera sobre a condição feminina no império:

Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo global de uns e o riso modador de outros, e ainda assim o dou a lume. Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. *Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem; com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo.*

O texto, publicado pela primeira vez em meados do século XIX, foi anunciado pelo jornal *A Imprensa* em 1º de agosto de 1860 (s.p.): “Nova Publicação - Acaba de sahir dos prelos do Progresso o romance original - Ursula - nitidamente impresso e em elegante formato”. A relação solicitava valorização à obra, apresentando a autora como professora da província maranhense Guimarães: “[...] comprovinciana - a Sr.<sup>a</sup> D. Maria Firmina dos Reis, professora de Guimarães - e para tentativa estréa ella mui bem desculpa de vir imprudentemente denunciar o seu nome, que com tanto empenho

e modéstia tracta de occultar” (REVISTA, 1860, s.p.). Como colocado por ela, os escritos femininos poderiam ser malvistas, pouco intelectualizados para a época, decorrentes de uma mulher formada elementarmente. A autora justificara as imperfeições do livro ainda em prólogo: “Como uma tentativa, e mais ainda, por este amor materno, que não tem limites, que tudo desculpa – os defeitos, os achaques, as deformidades do filho – e gosta de enfeitá-lo e aparecer com ele em toda a parte, mostrá-lo a todos os conhecidos” (REIS, 2018, p. 12). O orgulho da escrita mostra-se evidente. O noticiário compactuava com as suas ideias ao afirmar que “[...] a aceitação nestes casos é a procura da obra – é o esgotamento rápido da edição. E’ o que cremos acontecerá com esta publicação apesar de ter aparecido em epocha de efervecencia eleitoral” (REVISTA..., 1860, s.p.). Não é possível saber se os escritos foram valorizados na época. Suas produções diziam da barbárie presente nos escravocratas e nos patriarcalistas, deslocavam-na do tempo vivido.

*Úrsula* foi uma obra anunciada no mesmo jornal que oferecia recompensas para capturadores de pessoas escravizadas (Imagem 1). Texto escrito duas décadas anteriores a *Navio negreiro* (ALVES, 2013). Diferentemente das patriotas, defensoras do liberalismo renovador da educação nos anos iniciais do século XX, como é o caso de muitas personagens brasileiras, entre as quais estão Almerinda Gama e Rosália Sandoval, ela percebeu o uso distorcido da religiosidade em espaço no qual predominou a escravidão. Continuou a criticar o fenômeno por meio das vozes fictícias, inclusive no momento efervescente do debate abolicionista, em contos como “A escrava” (REIS, 2018, p. 164):

– Para quê se deu em sacrificio o Homem Deus, que ali exalou seu derradeiro alento? Ah! Então não é verdade que seu sangue era o resgate do homem! É então uma mentira abominável ter esse sangue comprado a liberdade!? E depois, olhai a sociedade... Não vedes o abutre que a corrói constantemente!... Não sentis a desmoralização que a enerva, o cancro que a destrói?

Comparando os textos de Firmina com os de mulheres republicanas, percebe -se como foi sendo constituída a mudança no

discurso. Firmina criticou as incoerências religiosas. Inicialmente o liberalismo contrapunha-se à monarquia, visando constituir justiça às pessoas oprimidas (SCHWARCZ; STARLING, 2015). Contrapunha-se, portanto, ao Estado. Posteriormente, com o avanço da propriedade privada e a evolução da indústria, pareceu aderir aos interesses da elite, propondo maneiras de torná-la solícita às camadas populares, sem deixar de manter privilégios de uns em função da marginalização de outros (SCHWARCZ; STARLING, 2015). Para mulheres como Gabriela Mistral (1919, p. 35), as obras serviam para engrandecer e exaltar os interesses da pátria: *"Dame el ser más madre que las madres, para poder amar y defender como ellas lo que no es carne de mis carnes. Dame que alcance a hacer de una de mis niñas mi verso perfecto y a dejarte en ella clavada mi más penetrante melodía"*. A professora negava, consciente ou inconscientemente, as próprias necessidades humanamente fundamentais, para servir ao ofício. Enxergava a atividade como missão. A influência religiosa se faz presente no discurso: *"Muéstrame posible tu evangelio en mi tiempo, para que no renuncie a la batalla de cada día y de cada hora por él"* (MISTRAL, 1919, p. 35). A religiosidade a fortalecia em meio à marginalização do estado de sua humanidade<sup>4</sup>, ao tempo que a deixava predisposta à aceitação da condição para a qual era destinada como mulher. Rousseau (1979) discorreu sobre esse tipo de alienação, a que nasce a partir da corrupção feita pela sociedade aos "puros" espíritos humanos. Apropriadas dela, as pessoas negam a si e destinam a vida ao engrandecimento da nação.

Trazendo implicitamente as contradições da religiosidade, o autor inspirou educadores e educadoras que se dispuseram a pensar a educação moderna a partir de considerações ao que chamou de natureza humana. Referenciou os projetos de popularização do acesso à escola e a defesa pela laicidade do ensino (SILVA, 2021), mas também manteve a definição de uma escola constituída por *mestres* e *discípulos* (ROUSSEAU, 1979). Um mestre que deveria ser capaz de preservar, sobretudo nas escolas primárias, a bondade infantil. Para tanto, as professoras, que já eram majoritárias

4 Conceito desenvolvido por nós para tentar explicar os sentimentos e ações que retiram dos seres humanos a sua possibilidade de viver a gentitude, de *ser* o que quiser (SILVA, 2021).

nessa etapa, deveriam ser dotadas de características de castidade e moralidade<sup>5</sup> (ALMEIDA, 2007). Como adultas, não deveriam interferir na evolução do caráter infantil, com o pressuposto de que isso poderia ser prejudicial. Percebe-se a ligação com Rousseau (1979). A criança em si estaria em contato direto com a sua individualidade, sendo capaz de decidir o que é importante para a sua interação consigo e com os outros: “O homem natural é tudo para ele; é a unidade numérica, é o absoluto total, que não tem relação senão consigo mesmo ou com seu semelhante. O homem civil não passa de uma unidade fracionária presa ao denominador e cujo valor está em relação com o todo” (ROUSSEAU, 1979, p. 13). As professoras passaram, assim, a receber a função de acompanhantes que efetivariam um bom trabalho por meio da integridade dos atos. John Dewey (1979, p. 18) reforçava: “[...] o meio social cria as atitudes mental e emocional do procedimento dos indivíduos, fazendo-os entregar-se a atividades que despertam e vigorizam determinados impulsos, que têm determinados objetivos e acarretam determinadas consequências”. Para o segundo autor, o meio social prepara naturalmente as pessoas para que sejam úteis no ambiente que as originou. As professoras deveriam acompanhar tal processo, interferindo apenas quando necessário.

Em 1927, ao discorrer sobre a fundação da Escola Regional de Meriti, realizada em 1921, Armanda Álvaro Alberto (1927/2010, p. 104) comparava o estabelecimento com um lar:

“Não tendo sob os olhos nenhum modelo a seguir, foi inaugurada em 13 de fevereiro de 1921, sem um só programa escrito; tomou desde o começo, no entanto, a feição de um lar-escola”. Ela objetivava manter as crianças livres de qualquer dogma: “[...] baseada na liberdade, no trabalho individual, nos hábitos de saúde, na alegria com que se desempenham as funções domésticas” (ALBERTO, 1927/2010, p. 105). Além do estímulo às potencialidades individuais, não se coloca a necessidade de contato com o conhecimento científico, o que pode ter levado a negativos resultados na vida estudantil, independentemente do nível de escolarização. Cabe ressaltar que, na condição de lar, as pessoas que se dispunham ao

5 Talvez isso justifique a aproximação das escolas normais com os conventos.

trabalho eram percebidas como família, talvez essa seja uma das justificativas para a atribuição da denominação “tia” e “tio” aos profissionais atuantes na educação. O fenômeno também colaborou com a feminização do magistério.

No mesmo ano, Rosália Sandoval (1921, p. 6) publicou um manual pedagógico para o ensino de língua portuguesa, no qual apresentou lições simplificadas para a formação de crianças desvalidas: “Não espereis encontrar aqui alguma coisa que mereça a qualidade de novidade. Nada criei, quase: modifiquei, remodelei, conforme a necessidade que tinha de um compendio, neste genero, para o curso elementar”. A literata alagoana mediava a sua ação na caridade às crianças que precisavam de uma formação rápida para o ingresso nas funções manuais do mercado trabalhista: “[...] compuz este livrinho impellida pelo desejo de facilitar o estudo da lingua vernacula a essas creaturinhas que necessitam de chegar mais cedo ás portas do ganhapão” (SANDOVAL, 1921, p. 6). Com poucas palavras, ela definiu a intenção da modernização educacional: manter as pessoas na mesma condição das suas famílias.

Nesse pressuposto, a escola de elite formaria para os melhores cargos e a escola pública seria uma possibilidade de ingresso dos desvalidos no mundo das letras, mas os manteria com as possibilidades futuras originárias. Em Sandoval (1918, p. 85), os atos vistos como bondosos eram inspirados nos princípios cristãos, indicados nos pequenos contos compositores de um livro que também dedicou às infâncias, em 1918: “Jesus é o glorioso fundador da religião do bem. Cujo symbolo é a Caridade. Sem religião não há caridade, e sem caridade não pode existir coração bem formado. O temor de Deus é a base de todas as virtudes”. Defendeu que o cristianismo tornaria o humano melhor, portanto o incluiu em suas produções pedagógicas. Nesse ponto, foi distinta das *escolanovistas*, mas sua escrita apresenta vínculo com as proposições de Rousseau (1979) e de Dewey (1979), assim como da, mais tarde fundada, ABE (ALBERTO, 1927/2010), quando defendem, implícita ou explicitamente, um modelo de formação elementar. Sandoval foi contraditória como o *escolanovismo*. Algumas das suas contradições podem ser notadas nos vários textos presentes em seus livros. Dos dois manuais escolhidos como objetos desta produção, foram extraídos oito títulos (Quadro 2) que desvelam elementos religiosos,

moralizantes e demonstrativos de uma espécie de acriticidade ao real, realidade esta que, de algum modo, também a marginalizava.

**Quadro 2** – Uma forma de ser mulher e docente

Curso elementar de Portuguez		
<b>A Mentira</b>	Ditado	p. 20
<b>Liberdade</b>	Ditado	p. 24-25
<b>A fome</b>	Exercício de redação	p. 27-28
<b>A renascença</b>	Ditado	p. 38
Através da Infância		
<b>A promessa</b>	Conto	p. 29-35
<b>A "vapor" (Um typo da rua)</b>	Conto	p. 36-38
<b>Minha casa</b>	Poesia	p. 52-53
<b>Os creados</b>	Conto	p. 97-103

**Fonte:** Elaboração própria (2021).

A religião predominante nos escritos pedagógicos de Rosália Sandoval a diferenciava das renovadoras e também de algumas das mulheres atuantes no século XIX. Ela não proferiu críticas às incoerências históricas do cristianismo, utilizando-o para justificar as suas intenções com os discentes e a sua aceitação à missão docente (SANDOVAL, 1918, 1921). Parecia atribuir à religião a responsabilização para o que o Estado a influenciava a pensar e fazer. Em séculos antecedentes, especificamente na década de 1840, Ludwig Feuerbach (2007, p. 36) já havia comentado fenômenos como estes: "A essência do homem, em contraste com a do animal, não é apenas o fundamento, mas também o objeto da religião. Mas a religião é a consciência do infinito; assim, não é e não pode ser nada mais que a consciência que o homem tem da sua essência não finita". A religião teria a função de preservar as qualidades naturais das pessoas. Diante da forma de percepção, a crença religiosa torna os humanos protegidos da realidade histórica e socialmente construída e apresenta justificativas às injustiças forjadas pela constituição hierárquica das formas de estar e ser. A religiosidade, forjada pelos humanos, torna evitável qualquer contestação à dimensão ética e estética dos acontecimentos predominantes nos entrelaçamentos constitutivos das relações. Nesse sentido, as pessoas colocam



em representações religiosas o que desejam profundamente que ocorra.

Consciência no sentido religioso ou próprio e consciência de infinito são conceitos inseparáveis; uma consciência limitada não é consciência; a consciência é essencialmente de natureza universal, infinita. A consciência do infinito não é nada mais que a consciência da infinitude da consciência. Ou ainda: na consciência do infinito é a infinitude da sua própria essência um objeto para o consciente (FEUERBACH, 2007, p. 36).

Essa percepção do autor pode ser considerada quando analisamos a utilização do discurso religioso para atos que *marginalizam a humanidade* de um grupo de humanos, em função da elevação de outro grupo. A consciência da religiosidade, adotada pela elite dominante, pode ser capaz de abstrair a criticidade, ou até mesmo o olhar lúcido à forma de ser social. Assim fizeram algumas docentes, conscientemente ou não, e pessoas que a elas destinavam sugestões. A relação do humano com a realidade deveria ser quase mística, portanto, mais atenta à dimensão abstrata do que concreta da realidade. A crítica feita por Maria Firmina dos Reis (2018), ao falar sobre a contradição, em si, do cristão escravocrata, coincide com essa óptica perceptiva. As contradições marginalizaram a formação das crianças desvalidas e o trabalho de quem passava a dedicar-se às suas formações. Foi recebendo distintos formatos com o passar dos anos, mas manteve os propósitos fundamentais, assim como ocorreu com a escravidão, o patriarcalismo, o controle à vida e aos corpos, a miséria.

Na *Revista Pedagogium*, Nestor Lima (1921, p. 19) caracterizava a vestimenta apropriada para as normalistas em classes de *callisthenia*: “[...] simples, modesto e confortável quanto rigorosamente moral e higienico”. Seguiu informando que o mesmo traje deveria ser utilizado nos momentos de atuação docente: “Considerando também que, em classe primária, quando a normalista faz as vezes de mestra e ensina as suas propensões pedagógicas, num meio puramente escolar e apropriado, fizemos determinar que o mesmo traje fosse usado dias de prática escolar” (LIMA, 1921, p. 19). O controle às formas de ser era sutil, ia das orientações para uso de trajes recatados à oferta de disciplinas voltadas à higiene. O *Correio da*

*Manhã* anunciava, em 9 de outubro de 1914, o lançamento da obra *Noções de higiene*, com autoria de um professor que decidiu manter-se anônimo. “Dividido em 166 capítulos, a matéria é exposta com a máxima clareza, em linguagem simples e ao alcance da mais preguiçosa inteligência. Em summa, *para os estudantes* da Escola Normal é um excelente livro esse que a livraria Quaresma acaba de editar” (NOÇÕES..., 1914, s.p., grifo nosso).

No mesmo nível de influência, as noções de higiene estiveram presentes em período de propagação das ideias *escolanovistas*, em publicações de diferentes autores, sendo indicadas como forma de combate às doenças causadas nas mestras primárias (MEIRELES, 1930/2001d). Ao comentar o livro *Higiene da professora*, produzido por Maria Dupont, Cecília Meireles (1930/2001d, p. 145, grifo nosso) relatou os problemas comuns entre as mestras: “A origem deste livrinho foi a observação das doenças que afligem normalistas e professoras, em consequência da profissão que escolheram. *Fadiga, nervosismo, debilidades*”, doenças causadas pelo excesso de trabalho, mas que, na obra, pareciam ser decorrentes de um cuidado inapropriado com o corpo; um corpo explorado pelo capital. Nestor Lima (1921) também criticava, na revista riograndense, a moda “imprudente” de Paris e, por sua vez, o comportamento feminino do país estrangeiro, nação que levou a público, anos mais tarde, a vasta produção de Coco Chanel.

Um dos destaques do período para tal instituição social foi a disputa contundente entre igreja e clero (SAVIANI, 2013), que, por sua vez, justifica a atribuição da característica missionária ao ofício. As professoras e professores diziam de suas concepções em textos pedagógicos, jornalísticos, literários, informativos. Faziam-se no magistério e reconfiguravam-se no gênero.

## PROPOSIÇÕES DE UM VALOR PROFESSORAL

O fazer-se de Sandoval, anunciado por elementos da escrita pedagógica, desvela uma mulher que manteve contradições comuns ao tempo. Foi compactuante com a educação religiosa e *escolanovista* de alguma maneira. Já no conto “A ‘vapor’ (um tipo da rua)”, é notado o olhar que destinava à pobreza e às mulheres negras:

Todos os dias passava pela minha porta uma pobre africana velha, encarquilhada e preta como papel queimado. Curvada, cheia de saliências osseas, o taboleiro das fructas sobre a cabeça grisalha, a pobre africana ia encorajada para o mourejar quotidiano, sem alteração, sem metamorphose, quer o dia fosse claro e azul, quer nevoento, chumbado e triste como o abandono. Os garotos appellidaram-na de Vapor (SANDOVAL, 1918, p. 36).

O texto diz da docente e do modelo educacional. A classe e a raça eram ridicularizadas por meio dos contos, mesmo quando a intenção dos textos era educar para o respeito. O mesmo conto é finalizado com argumento moralizante à negritude e à pobreza: “E quem sabe se dentro daquelle involucro repellente não vive um espírito limpo de torpezas e de ambições!” (SANDOVAL, 1918, p. 36). O mesmo é notado no texto “Os creados”, escolhido para estudo vocabular quando o eu lírico critica a maneira como os trabalhadores domésticos são tratados: “[...] o que me tem dado o que pensar é o modo por que trataas a criadagem. Acho que dás importância de mais a essa gente” (SANDOVAL, 2018, p. 97). A leitura inicial aos textos leva à perspectiva de modificação posterior do discurso. Isso não ocorre no primeiro, mas, de algum modo, acontece no segundo. A autora vai explicando que os *criados* precisavam ser bem tratados porque poderiam ser membros de qualquer família. Não existe, portanto, o estímulo ao respeito de classe, raça e gênero como formas de ser, mas a atribuição de uma reflexão causada pelo sentimento de empatia. Nessa óptica, a pobreza é um outro distante que deve ser respeitado. Escrita contraditória para uma mulher pobre e órfã (SILVA; MADEIRA, 2020).

Em um exercício de língua portuguesa, em texto formulado como resposta a questões interligadas, a literata sugere uma resposta para a pergunta: “E a fome, como fragello, será uma necessidade?” (SANDOVAL, 1921, p. 27). De acordo com o texto: “(Ainda o é, pois impelle com mais vigor o homem a trabalhar pelo seu melhoramento material, e ao mesmo tempo desperta os sentimentos de humanidade que ficariam esquecidos se a felicidade fosse geral” (SANDOVAL, 1921, p. 27-28). A desigualdade social é, para ela, um fenômeno que favorece o esforço dos explorados. Percebe-se uma mulher conservadora.

As representações das minorias nos manuais favorecem a ausência de representatividade entre as crianças pobres presentes nas escolas maceioenses da época, ao tempo que podem ter sido capazes de fazê-las notar como o trabalho braçal poderia lhes retirar da miséria. Nessa perspectiva, os fragmentos literários presentes nos dois manuais parecem desvelar os propósitos elencados na apresentação do *Curso elementar de Portuguez*, quando se sugere uma simplificação dos conteúdos para que os filhos de trabalhadores cheguem rapidamente aos únicos ofícios nos quais seriam aceitos ou mantidos, dada a frequente exploração ao trabalho infantil na época. Sobre o último fenômeno, assim discorria o *Correio da Manhã* em 23 de setembro de 1901:

Essas pequenas são de uma tão grande comodidade!... As creadas, de há muito tempo à esta parte, querem ganhar um dinheirão, limitam-se horas de serviço, não toleram desaforos. Ellas, não: custam baratissimo, e, simples creanças, quasi sempre cheias da timidez propria da idade e tambem da lembrança, que já as acabrunha e abate, de suas condições de inteiro abandono, incapazes de um protesto, deixando morrer na garganta as intimas revoltas, trabalham desde o amanhecer até altas horas da noite, fazem todos os misteres, desde os mais pesados, até os mais baixos e despreziveis. Tenham embora um temperamento rebelde, bastam dois ou três mezes de uma trabalhadeira esmagadora para as suas tenras forças, dois ou tres mezes em que nunca vejam senão rostos fechados, em que nunca escutem senão vozes ásperas, muitas vezes acompanhadas de fortes castigos corporaes, para as tornar entes passivos e resignados. Por mais «encrespadas que sejam, diz-se, emfim amansam, acostumam-se afinal... (ESCRAVISADAS..., 23 set. 1901, s.p.).

Seriam, pois, uma alternativa para quem desejava pagar pouco pelo trabalho domiciliar. O quantitativo de meninas órfãs acolhidas em casas de elite para o trabalho doméstico era tão elevado que os jornais épicos anunciavam recorrentemente a condição de tais crianças, sobretudo meninas, em estado de extrema miséria, e indicavam os trabalhos beneficentes desenvolvidos na capital do país: “Tendo este congresso que fazer entrega, por intermédio de

sua caixa de caridade, de diversos donativos a órfãs de seus associados, até 12 anos de idade, de acordo com os seus estatutos e instituídos por diversos diretores” (SANTOS, 1910, s.p.). Parte das vagas das instituições educativas também era destinada a algumas dessas meninas, deixando-se claro que o acesso à educação não lhes era negado: “O prefeito mandou preencher as vagas existentes no Instituto Profissional Feminino, admitindo as seguintes meninas, orphãs de pae e mãe: Bernadette de Lourdes, Caetana, Durvalina, Josephina, Regina e Georgia” (COLLEGIO..., 17 mar. 1911, s.p.). Recebiam uma educação elementar, evitando qualquer transtorno às elites dirigentes. A peculiaridade do trato recebido nos lares que as acolhiam era percebida pelos mais distintos e distantes olhares:

A’s vezes entramos num lar onde impera o conforto: a dona da casa, as filhas, as creanças, ellas apresentam-se todas, bem vestidas, bem calçadas, elegantes, rescendendo a finas e perfumadas roupas brancas, com os lábios sorrindo. Vê-se que são felizes, que ali há contentamento. A casa toda transpira bem estar... Subito, aquelles labios risonhos, os quaes nos pareciam só talhados para espalhar doçuras, pronunciam ácremente um nome: e logo, a uma porta, numa attitude de máxima humildade, surge *uma menina descalça, immunda, muito immunda, maltrapilha, a suja roupa e cahir-lhe aos pedaços, magra, remellenta, de olhos pisados, e tonsurada*. Tonsurada, sim, porque *é uso cortar-lhe os cabellos, que muitas vezes foram o encanto dos paes...* (ESCRAVISADAS..., 23 set. 1901, s.p., grifos nossos).

A aparência descrita faz recordar a dos flagelos, definidos como necessários no texto “A fome”, de Sandoval. Parecia ser mais um dos instrumentos favoráveis à humilhação. Ela sempre disse do lugar social. Esse poderia ser o ponto mais intrigante do texto, mas, logo após, o redator reflete sobre como a vida da criança poderia ser caso os seus pais estivessem vivos: “[...] ficamos, com o pensamento absorto, a scismar no que será ali a vida daquella infeliz creança, cujos paes talvez tivessem sido remediados, sinão ricos, e talvez a tivessem, ao creal-a, cercado de todo o carinho” (ESCRAVISADAS..., 23 set. 1901, s.p.). As órfãs não eram

descendentes apenas de famílias pobres, haviam sido membros das mais distintas classes. Com a morte dos pais, todas passavam a portar um mesmo destino.

As mortes constantes que deixavam crianças entregues à adoção podem ter sido causadas pela crise epidêmica vigorante em toda a primeira metade do século XX: “O impaludismo, a febre amarela, a budonica e tantas outras, cujo citar faria desolação, estabeleceram-se entre nós e vão, impunemente, ceifando vidas” (LIGEIRO..., 9 jun. 1920, s.p.). Entre elas, a varíola tornou-se mais devastadora: “Os jornaes pedem providencias ao governo contra a epidemia da varíola que lavra assustadoramente em Rezende no Estado do Rio” (A VARIOLA, 2 dez. 1920, s.p.). Havia médicos que recusavam as primeiras tentativas de vacina: “[...] o dr. Leonido Robeiro, que de quando em vez percorre o norte do Brazil para praticar a «cura radical da hydrocelle sem operação», conforme rezam os seus reclamos publicados na imprensa, recusou-se ali a submeter-se a vacina contra a varíola” (UM MÉDICO..., 27 abr. 1920, s.p.). As tragédias perpassavam os escritos da professora alagoana. De conto infantil extrai-se o trecho: “Uma epidemia que assolou a Villa, matando quase todos os habitantes, levou também para o cemitério os meus pobres Paes” (SANDOVAL, 1918, p. 102). De alguma maneira, existe a associação do crescimento de crianças órfãs com as pandemias pela personagem. O Natal de 1919, no qual o texto “O milagre de Natal”, de Almerinda Rocha Gama, recebe premiação, mantém como principal tema a fome: “O ESTADO DO PARA’ institue na data de hoje a festa que intitulou O NATAL DAS CRIANCINHAS POBRES, querendo, com essa idéia filantrópica, dar um bocado de ventura e prazer á infância desvalida” (O NATAL..., 25 dez. 1919, s.p.). Fome de comida, de alegria, de justiça; fome de educação crítica para uma classe marcada pela opressão. A docência fazia-se missionária.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reproduzo a sempre atual indagação feita por Castro Alves (2013, p. 25) ao olhar para a maneira como os humanos eram tratados em navios negreiros: “[...] que bandeira é esta,/Que imprudente na gávea tripudia?”. Os fatos predominantes na história brasileira



tornam a reprodução da pergunta necessária em todos os tempos. Não é o caráter lírico que faz possível sentir a poética pergunta, mas a capacidade de encaixá-la no que vivemos, realidade que coloca os humanos contrários à sua humanidade. Humanos massivamente servidos à opressão que os afeta, dominados pela forte consciência dos opressores<sup>6</sup>, empoderados pelo (dis)poder. A bandeira estará circulando impunemente por outros e outros séculos. As mulheres, os pobres, os negros, os doentes, todos poderão ser utilizados contra a própria condição. Eles aprendem que a rebeldia pode ser perigosa e imoral, que leva à desordem, apropriando-os da loucura ou da impureza espiritual. Não percebem que existe uma contradição na inclusão proposta pelas correntes renovadoras. Elas propagam o discurso defensivo à cultura, mas acabam por colaborar com a intencional exclusão social disposta pelas hierarquias de: classe, gênero, raça, geração, território.

Me parece que aconteceu, no decorrer da história, o que teria ocorrido no mar se porventura os tubarões fossem homens<sup>7</sup>: a impunidade, a propagação do fazer-se inconscientemente. Oprimidos usados em função de sua opressão. Foi nesse contexto que viveu Sandoval. Como algumas outras mulheres, ela foi contraditória. As suas ideias, nas décadas de 1910 e 1920, circularam nas escolas primárias maceioenses. Defendeu a democracia enquanto impossibilitou melhores condições de futuro aos oprimidos. A religião lhe fez justificar a missão do ofício. Foi uma órfã que ultrapassou as possibilidades cabíveis à condição feminina ao tornar-se escritora e independente, mas colaborou com a restrição de acesso ao conhecimento historicamente acumulado pelo conjunto da humanidade ao formar elementarmente pessoas que vivências semelhantes tiveram.

A interação feita entre os seus textos e os de outras mulheres desvela a coerência do seu pensamento educacional com os interesses do tempo, mas também singulariza a sua forma de construir-se docente e escritora. Um dos pontos que a diferencia das *escolanovistas* é o uso da religiosidade em atividades pedagógicas.

6 Nesse momento nos vem à mente a discussão desenvolvida na obra *Pedagogia do oprimido*, do inesquecível Paulo Freire (1996).

7 Alusão ao texto infantil *Se tubarões fossem homens*, de Bertolt Brecht (2018).

O exercício escriturário desvela a importância da análise aos casos particulares. Por meio de uma fonte profundamente presente nas escolas do século XX, é possível notar a maneira como as ideias de larga escala chegavam à capital de Alagoas. Houve, neste artigo, a tentativa de exposição dos não dizeres e interdizeres de um passado que ainda se faz presente. Como afirmo em epígrafe, o texto configura-se como afronta às ações *necrófilas* aos sonhos. Narro as incoerências e, assim, remonto a historiografia das contradições socialmente estabelecidas no trajeto de mulheres intelectuais e também comuns.

## REFERÊNCIAS

ABRANTES, O. Declínio. **Estado do Pará**, Belém, 25 dez. 1919.

ALBERTO, A. Á. Tentativa de Escola Moderna. 1ª Conferência Nacional de Educação, promovida pela A.B.E., Curitiba, 1927. In: MIGNOT, A. C. V. (org.). **Armanda Alberto**. Recife: Joaquim Nabuco, 2010. p. 103-141.

ALMEIDA, J. S. **Ler as letras**: por que educar meninas e mulheres?. Campinas: Autores Associados, 2007.

ALVES, C. **O navio negreiro e Vozes d'África**. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2013.

AS CRUELDADES provocadas pelas moléstias. **Diário de Notícias**, Salvador, 5 jun. 1920.

A VARIOLA. Os jornaes clamam. **Diário de Notícias**, Salvador, 2 dez. 1920.

AZEVEDO, F. *et al.* Manifesto dos pioneiros da Educação Nova. Brasil, 1932. **Revista Histedbr**, Campinas, n. esp., p. 188-204, 2006.

BRECHT, B. **Se tubarões fossem homens**. Tradução: Christine Röhrig. São Paulo: Olho de Vidro, 2018.

CARVALHO, A. A. O velho mundico. **Estado do Pará**, Belém, 25 dez. 1919.

CERTEAU, M. **A escrita da história**. 3. ed. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2017.

COLLEGIO Abilio. P. de Botafogo, 374 (casa Matriz) - Exames em março. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 17 mar. 1911.

CORREIO Literario. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 10 maio 1904.

DEWEY, J. **Democracia e educação**: introdução a Filosofia da Educação. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

DOLORES, C. Conversando... **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 7 fev. 1908a.

DOLORES, D. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 17 jan. 1908b.

ESCRAVISADAS. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 23 set. 1901.

FACÓ, A. Para as crianças – minha palmatória: contos aos meus alunos – III. O choramingas. **Jornal do Ceará**, 17 maio 1907.

FEUERBACH, L. **A essência do cristianismo**. Tradução e notas: José da Silva Brandão. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

FILHO, I. A Abolição. **Revista Pedagogium**, Rio Grande do Norte, Empreza Typographica Natalense, n. 2, p. 3-12, 1921.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAMA, A. R. O milagre do Natal. **Estado do Pará**, Belém, 25 dez. 1919.

GARCIA, L. O professor A. Joviano. **Revista Pedagogium**, Rio Grande do Norte, Empreza Typographica Natalense, n. 2, p. 13-14, 1921.

GINZBURG, C. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. Tradução: Rosa Freire d’Aguilar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução: Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LIGEIRO confronto. **Diario de Noticias**, Salvador, 9 jun. 1920.

LIMA, N. As modas e a educação. **Revista Pedagogium**, Rio Grande do Norte, Empresa Typographica Natalense LTD, n. 2, p. 15-20, 1921.

MEIRELES, C. A futura Escola Normal. *Diario de Noticias*, Rio de Janeiro, 21 set. 1930. *In: Crônicas de Educação*, 3. Seleção e organização de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Biblioteca Nacional, 2001a. p. 169-171.

MEIRELES, C. As crianças e a religião. *Diario de Noticias*, Rio de Janeiro, 5 maio 1931. *In: MEIRELES, C. Crônicas de Educação*, 3. Seleção e organização de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Biblioteca Nacional, 2001b. p. 19-21.

MEIRELES, C. **Crônicas de Educação**, 3. Seleção e organização de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Biblioteca Nacional, 2001c.

MEIRELES, C. Um livro-símbolo. *Diario de Noticias*, Rio de Janeiro, 2 ago. 1930a. *In: MEIRELES, C. Crônicas de Educação*, 3. Seleção e organização de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Biblioteca Nacional, 2001d. p. 145-146.

MEIRELES, C. Um problema insolúvel. *Diario de Noticias*, 18 jul. 1931. *In: MEIRELES, C. Crônicas de Educação*, 3. Seleção e organização de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Biblioteca Nacional, 2001e. p. 41-42.

MISTRAL, G. La oración de la maestra: a César Duayen. Punta Arenas, ene. 1919. In: MISTRAL, G. **Gabriela Mistral**: Magisterio y Niño. Seleção e organização: Roque Esteban Scarpa Straboni. Santiago: Andres Bello, 1979. p. 35-36.

NOÇÕES de Hygiene. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 9 out. 1914.

O ENSINO. **Estado do Pará**, Belém, 11 jun. 1920.

O NATAL das criancinhas pobres. **Estado do Pará**, Belém, 25 dez. 1919.

PEREIRA, M. R. A. Autoria feminina no século XIX: Rosália Sandoval. **Interdisciplinar**: Revista de Estudos em Língua e Literatura, Sergipe, n. esp., v. 23, 2015. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/4079>. Acesso em: 7 abr. 2021.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2019.

PUBLICAÇÕES. **O estado de Florianópolis**, Santa Catarina, 16 set. 1930.

REIS, M. F. **Úrsula e outras obras**. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2018.

REVISTA Noticiosa. **A imprensa**. São Luiz, 1º ago. 1860.

ROUSSEAU, J. **Emílio ou da Educação**. 3. ed. Tradução: Sérgio Milliet. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1979.

SANDOVAL, R. **Através da infância**. Recife: Imprensa industrial I. Nery da Fonseca, 1918.

SANDOVAL, R. **Curso elementar de Portuguez**: em pequenos exercicios praticos. Viçosa: Typographia Economica, 1921.

SANTOS, J. F. Congresso Beneficente Campos Salles. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 14 maio 1910.

SARDENBERG, C. Caleidoscópios de gênero: gênero e interseccionalidades na dinâmica das relações sociais. **Mediações: Revista de Ciências Sociais**, v. 20, n. 2, p. 56-96, 2015.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Autores Associados, 2013.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Tradução: Guacira Lopes Louro.

SEMPRE Cynicos. **Jornal do Ceará**, Fortaleza, 7 jun. 1907.

SILVA, H. P. **Uma década de Prosa**: impressos e impressões da professora e jornalista Maria Mariá. Fortaleza: EdUECE, 2021.

SILVA, H. P.; MACHADO, C. J. S. A intelligentsia feminina na Escola Nova: uma leitura sem margens das crônicas de Cecília Meireles (1930-1932). **Revista Histedbr**, Campinas, 2022.

SILVA, H. P.; MADEIRA, M. G. L. Índícios de formação literária: um olhar profícuo a *Versos alheios* de Rosália Sandoval (1930). **Revista Paidéia**, Belo Horizonte, n. 23, v. 15, p. 31-49, 2020. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/paideia/article/view/8386>. Acesso em: 7 abr. 2021.

SIRINELLI, J.-F. Os intelectuais. In: RÉMOND, R. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-269.

TAVARES, M. C. C.; STMATTO, M. I. S. The conception of woman in Escola Doméstica de Natal's curriculum (1914-1944). **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 7, n. 3, e173100, 2018. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/243>. Acesso em: 17 abr. 2021.



TEIXEIRA, A. **Em marcha para a democracia**: à margem dos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Guanabara, 1934. Disponível em: <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/delivro.htm>. Acesso em: 1º abr. 2020.

UM INQUÉRITO de “Pagina de Educação”: A resposta da cruzada em prol da escola nova. **Diario de Noticias**, Rio de Janeiro, 22 ago. 1930.

UM MÉDICO que foge á vacina. **Diario de Noticias**, Salvador, 27 abr. 1920.